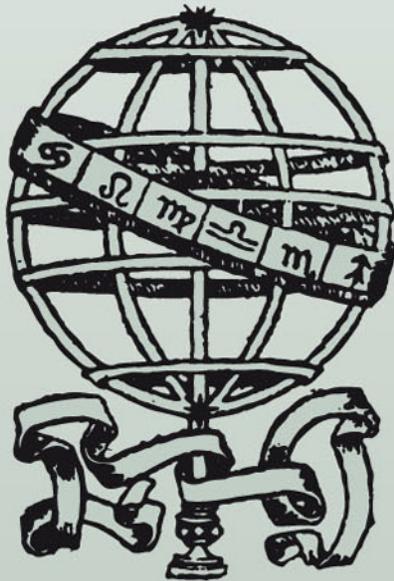


LEONARDO COIMBRA

# OBRAS COMPLETAS

IV

(1919-1921)



COLECÇÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

## ÍNDICE GERAL

<i>Prefácio,</i> por ARNALDO DE PINHO .....	11
--	----

OBRAS COMPLETAS  
DE  
LEONARDO COIMBRA

Prefácio .....	19
Sobre a guerra mundial .....	24
Carta-Prefácio .....	27
A Questão Universitária (Discurso Parlamentar) .....	31
Uma carta .....	52
Em louvor das maiorias .....	54
O riso e a calúnia .....	57
A liberdade e o livre pensamento .....	61
O Jornal e a Opinião .....	64
Uma carta do Dr. Leonardo Coimbra .....	68
Livros e livros .....	69
A morte do coronel Baptista .....	72
Camões e a fisionomia espiritual da pátria .....	75
[O centenário de 1820] .....	87
A crise social .....	90
Ao Povo Republicano .....	100
Liberdade! .....	102
Louvor da Liberdade .....	104
Miguel de Unamuno e a Reacção .....	113
A Vida do Espírito .....	116
Os Poveiros .....	119
Uma carta do Dr. Leonardo Coimbra .....	121
Ligeira notícia sobre os cadernos de António Nobre .....	122
O problema da Indução .....	133
Comemoração das Constituintes de 1820 .....	179
No altar da Pátria! .....	199
A memória de Alexandre Braga .....	200
[Discurso] .....	202

A degradação dos ideais .....	205
A crise social .....	209
O nosso programa .....	218
Adoração — Cânticos de Amor .....	221
Na estrada dos teus olhos .....	225
A floresta dos teus cabelos .....	233
As tuas mãos .....	239
A tua figura .....	245
A tua bondade .....	251
A tua voz .....	259
Cantares .....	265
O nosso encontro .....	273
Adoração .....	293
Nota sobre a ideia de Tempo e a Física de Einstein .....	301
Sobre o amor platónico .....	305
A boa ordem .....	310
Emílio Boutroux .....	314
A morte da Pena de Morte .....	317
O conhecimento teosófico .....	319
[Prefácio] .....	323
O Pensamento Filosófico de Antero de Quental .....	329
Introdução .....	333
Capítulo I — As doutrinas filosóficas de Antero:	
Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX .....	337
«A Filosofia da Natureza dos Naturalistas» .....	347
Filosofia da Liberdade .....	351
Capítulo II — As correntes contrárias no pensamento filosófico de Antero:	
As correntes contrárias do pensamento filosófico de Antero .....	357
Doutrina da coisa ou doutrina da pessoa .....	359
A doutrina da duração e a da imobilidade .....	364
Capítulo III — Os problemas filosóficos em Antero:	
Significado e valor da filosofia .....	377
A ciência e a filosofia: teoria da ciência .....	381
A metafísica da liberdade: Deus .....	391
O problema do mal .....	402
Conclusão:	
Conclusão .....	409
Deus e os seres .....	432
O espírito do cristianismo .....	449

APÊNDICE

CONFERÊNCIAS E ENTREVISTAS NA IMPRENSA

O Ensino e a República .....	469
[Conferência em Felgueiras] .....	477
Portugueses em Espanha .....	478
No Centro Republicano Democrático .....	482
Fala o Dr. Leonardo Coimbra .....	485

TRADUÇÕES

Moral e Democracia .....	493
Questões de Ensino (o Ensino Secundário) .....	507

<i>Índice onomástico</i> .....	517
<i>Índice sistemático</i> .....	521

## PREFÁCIO

O vol. IV das *Obras Completas de Leonardo Coimbra* abrange o período que vai de 1919 a 1921 e contém dois textos maiores, no conjunto da produção do pensador, como são *O Pensamento Filosófico de Antero de Quental e Adoração — Cânticos de Amor*, livro este nem sempre muito valorizado, mas que representa, no conjunto dos escritos de Leonardo, um texto sem paralelo pelas suas ressonâncias místicas de carácter cosmo-antropológico.

Contém também o vol. IV vários textos mais curtos, publicados em jornais republicanos, em que o autor ora celebra efemérides, ora se debruça sobre questões em discussão, como o bolchevismo, texto publicado em *A Tribuna*, *Diário Republicano da Manhã*, no Porto, em 26 de Junho de 1920, ora toma posição sobre a liberdade e a tolerância (artigo de 26 de Agosto de 1920, no mesmo jornal), ora se debruça sobre questões de lógica, como o texto sobre o problema da indução, em artigo publicado na *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, em 1920, ora, enfim, recorda António Nobre ou o significado de Camões para a fisionomia espiritual da Pátria.

Em qualquer destes campos, sempre o mesmo ar interrogativo e insatisfeito, madrugante talvez, de quem busca indagar, nos percursos dos génios ou nos rasgos da liberdade, a vida do espírito que perpassa na evocação dos mestres, contra formas mais ou menos coisificadas de encerrar o mesmo espírito em ideias feitas ou cartilhas transmitidas, incluindo as dos republicanos que pensavam salvar a República pela repetição cansada das mesmas palavras de ordem.

Como dirá um dia, na data da comemoração das Constituintes de 1820, texto transcrito em *A Tribuna* em vários números de 1921, «o homem que não sabe lembrar, não aproveitará a experiência anterior, não saberá orientar a sua vida, dirigir e organizar o futuro. Seria um perpétuo presente, de pronto mineralizado na vida inerte da matéria».

*De facto, se alguma coisa têm de comum os Dispersos que aqui se recolhem é, justamente, a vitalidade da vida do espírito, mas também a vitalidade da vida segundo o espírito. E esta insistência mostra que Leonardo estaria já convencido, por este tempo, da fatalidade que assaltava a vida da primeira República, por não ter sabido viver, como dirá, simultaneamente «da lembrança e do esquecimento».*

*A este período de reflexão do começo dos anos 20 pertence também o pequeno e encantador texto Do Amor e da Morte, que por ter sido publicado apenas em 1922 fará parte do próximo volume.*

*Não podemos todavia deixar de lhe fazer aqui uma pequena referência por se tratar de uma obra que, a nosso ver, se encaixa na sequência da já publicada em volume anterior, A Luta pela Imortalidade, por comungar na mesma ansiedade metafísica de Leonardo, tentando recuperar o amor e não apenas o conhecimento para o campo da experiência e da metafísica, a que sempre ligou os seus textos mais significativos.*

*A obra maior inserida neste vol. iv é, sem dúvida, a que consagrou ao pensamento filosófico de Antero, autor que certamente o contagiou pela similar ansiedade metafísica que, tal como Leonardo, viveu e pensou.*

*Em O Pensamento Filosófico de Antero de Quental, publicado pela primeira vez em 1921, debate o autor, segundo José Marinho, o pensamento de Antero visto do prisma do conflito entre a fenomenalidade da experiência e a afirmação da identidade e permanência da razão.*

*Não é desprecianda a questão de saber porque é que Leonardo se lembra de se lembrar de Antero. Trata-se de debater o pensamento de Antero em si, ou de clarificar o pensamento de Leonardo, nesta época, servindo-se duma tentativa filosófica respeitada e certamente controversa, como era a de Antero? Atravemo-nos a pensar que Leonardo Coimbra debate o seu próprio pensamento.*

*O que não quer dizer que Leonardo iluda a interpretação do pensamento de Antero. De facto, a própria construção da obra reflecte o respeito pela integridade do pensamento do autor de Tendências: começa por uma exposição sistemática do pensamento anterior, utilizando fielmente os textos; avança para o estudo das correntes contrárias no seu pensamento; a seguir estuda os problemas filosóficos tais como aparecem postos pelo crítico das filosofias da natureza; termina com uma conclusão em que critica, à luz do seu pensamento, o pensamento de Antero.*

*O que Leonardo critica em Antero, como bem reconhece José Marinho, é a ideia de Ser dada como Absoluto idêntico. Esta ideia de afinidade eleática e mais recentemente espinosista e hegeliana modela a teoria da razão anterior. E embora Leonardo reconheça que a exposição de Antero atinge, em certos momentos, uma rara beleza, porque conserva o elemento essencial do Amor, todavia «a doutrina da cousa exerce um desvio sobre o*

seu pensamento, que dirige cada eu e todos os eus para um universal abstracto da substância ou dum princípio e não para o universal concreto da troca e da companhia».

Ou seja, «a função imobilizante da razão (função psicossocial) levou sempre Antero, encantado pela dialéctica do realismo idealista pós-kan-tiano, a tomar do real a função da cousa, como a mais própria às definições fixistas de identidade substancial e variedade de atributos ou modos».

E por esta via, conclui Leonardo, não há meio termo: «ou vence o eleatismo da razão e temos apenas Deus, que mesmo em Leibniz é a única realidade existente, pois as mónadas são proposições da sua tese dos possíveis; ou vence o realismo percepcionalista e o movimento existe, e com ele, as cousas são o tipo da realidade».

Também Antero desenvolve a relação entre duração e imobilidade. Concedendo que Antero seja menos imanentista que «o germanismo que ele amava», acaba Leonardo por concluir que faltou a Antero a mediação na harmoniosa síntese «entre a razão imobilista e cousicista e a razão personalista e temporal».

Em suma, faltou a Antero a compreensão da mediação harmoniosa que persiste não só na reflexão filosófica mais aturada, mas também nas formas mais directas da consciência e da vida: na percepção e na memória, no amor e na acção, não encontramos um absoluto que absorva a relação, uma unidade que sacrifique a pluralidade.

A obra Adoração — Cânticos de Amor como se enquadra neste conjunto?

Publicada em 1921, como o texto sobre Antero, portanto, quanto sabemos, mais ou menos simultânea do texto interpretativo do Filósofo das Tendências, retoma este poema em vários cânticos uma linha que já encontrámos em A Morte (1913) e mais ainda em A Alegria, a Dor e a Graça (1916).

De facto, também aqui, e de maneira mais vincada, se serve Leonardo duma linguagem lírica, para atingir não apenas um conhecimento do real, mas mais ainda uma imersão no real, opondo à velha concepção naturalista da realidade, muito vulgar em seu tempo, sobretudo nos círculos mais ligados às ciências experimentais, uma concepção do mundo que supõe uma interioridade e um infinito.

Aborda aqui o autor lugares de relação — os olhos, as mãos, a figura, a bondade, a voz, cantares e, finalmente, adoração — que recolhem memórias e símbolos.

A obra começa por «Laus divo» e termina com «Laus virgini», ou seja, começa com louvor à deidade e termina com louvor à ou ao virgem, havendo pelo meio referências à Senhora da Serra, à Senhora Aparecida, à Senhora da Graça, denominações que o autor conhecia e algumas via de

sua terra, bem como algumas referências ao Cântico dos Cânticos (a su-lamita) ou à Beatriz de Dante (Oh minha Beatriz...) e a toda uma memória cosmo-anropológica em que mergulha, para lá de denominações confessionais.

Trata-se, sem dúvida, dum texto místico, talvez do mais místico texto de Leonardo, certamente naturalista, que realiza, num grau mais elevado, o que o pensador portuense já escrevera em A Alegria, a Dor e a Graça: «A alma é a mais lata assimilação de um exterior por um interior que se não perde; é uma síntese progressiva, um ponto de realidade inundando toda a realidade. Assimilação tão profunda e vasta que todo o espaço abrange, que todo o Tempo é seu.»

Os restantes textos de Leonardo neste volume publicados mostram a permanência da generosidade do seu espírito, a sua enorme lucidez e a fidelidade aos valores por que sempre se guiou.

Merece especial referência, dentro destes valores, o sentido e o valor da liberdade como fulcro da pessoa humana. Aqui o encontramos no discurso parlamentar sobre «a questão universitária», publicado em 1919, onde critica a Universidade por não corresponder à evolução dos fenómenos sociais; e vários textos escritos em A Tribuna, diário republicano do Porto, num período que Sant'Anna Dionísio situa no «antecrepúsculo da Primeira República».

Defende então o princípio das maiorias contra os seus detractores, distingue a liberdade e o livre pensamento (contra novos dogmatismos), apela à responsabilidade dos jornalistas e ao seu dever de crítica independente, reflecte sobre a crise social e sobre o bolchevismo, evoca o exemplo de Unamuno, etc.

Pela positiva e nesta atmosfera — que Leonardo bem pressentia sem, no entanto, cruzar os braços — de declínio, da primeira República, olha Leonardo, talvez pela primeira vez de maneira não apenas alusiva, para o espírito do Cristianismo.

O texto «O espírito do Cristianismo» aparecido em A Nossa Revista, Mensário dos Alunos da Faculdade de Letras do Porto, que tinha fundado, faz uma relativamente longa meditação sobre o Cristianismo, antes de se debruçar sobre Jesus e S. Francisco de Assis, obras mais tardias, assimilando e certamente anunciando uma atitude nova em face do Cristianismo que sempre olhara com simpatia (mais o cristianismo que a Igreja), mas que agora se situa talvez num novo patamar: «procuremos ser justos e íntegros respeitadores da beleza e verdade e tanto mais quanto muitos dos outros (que se arrogam a herança de Cristo) são para nós a vil calúnia, a ignara solércia, a maciça estupidez».

Distinguindo a Igreja quando é «simples burocratismo ou organização guerreira e conquista» do verdadeiro espírito do Cristianismo, Leonardo